

MMP adquire terrenos para expansão do campo arqueológico do Museu Nacional de Conímbriga

A Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., formalizou esta semana a aquisição de vários lotes de terreno para a expansão do campo arqueológico do Museu Nacional de Conímbriga (MNC), dando assim por concluído um processo que permitirá, finalmente, potenciar um património monumental e de investigação com valor histórico-arqueológico e turístico sem rival no ocidente da Lusitânia.

Os cerca de 18 terrenos/imóveis agora adquiridos, compreendendo uma área total de dois hectares, demonstram um enorme potencial de acréscimo e transformação da investigação e da musealização, tornando possível a normalização entre áreas públicas e privadas localizadas no campo arqueológico do MNC.

As parcelas dividem-se por várias zonas próximas ou contíguas ao espaço do Museu, incluindo a área onde se localiza aquele que é o anfiteatro romano com maior potencial patrimonial localizado em território português (apenas cinco destes edifícios de espetáculos estão identificados no território da Lusitânia romana).

Quase 100 anos depois da aquisição a privados dos primeiros terrenos que viriam a integrar o Museu Monográfico de Conímbriga, inaugurado em 1962, a MMP cumpre uma ambição que teve como grande percursor o primeiro diretor do Museu. Já em 1954, João Manuel Bairrão Oleiro escrevia que, pelo facto de a cidade antiga de Conímbriga ser maior do que inicialmente se pensava, a propriedade do Estado teria de crescer de forma a abarcar todos os seus vestígios.

Depois de várias tentativas realizadas ao longo das décadas para a ampliação deste importante património, que acabaram por não se concretizar, será finalmente possível alargar o trabalho de escavação arqueológica a novas e promissoras áreas da cidade antiga, o que representa uma conquista estruturante para a historiografia do Museu e do sítio arqueológico, um feito que normaliza, enriquece e potencia o campo arqueológico de Conímbriga, perspetivando a possibilidade de planear a investigação e musealização do Vale Norte e do Anfiteatro romano.

Como destaca o atual diretor do Museu, Vítor Dias, “a aquisição destas parcelas é um enorme motivo de orgulho, que honra o legado das boas práticas patrimoniais exercitadas por diversas gerações e que urge continuar, sob pena de não salvaguardarmos em tempo útil património que não se regenera e que corre sérios riscos de não se preservar”.

Alexandre Nobre Pais, presidente da Museu e Monumentos de Portugal”, destaca igualmente as potencialidades oferecidas pela ampliação da área de intervenção do Museu de Conímbriga, que permitirá “desenvolver a médio-longo prazo um núcleo museológico de grande singularidade e um produto patrimonial único no país, capaz de acrescentar um imensurável valor a toda a região”.

A par do enorme potencial de transformação ao nível da investigação - nomeadamente o aprofundamento do entendimento do urbanismo da cidade antiga de Conímbriga, assim como a salvaguarda de um património em risco de desaparecimento -, a ampliação da área de visita vem acrescentar um inegável valor histórico, monumental e ambiental ao contexto patrimonial e turístico da região.

A possibilidade de ressurgimento de um edifício público fundado em meados do século I d.C. eleva o interesse e relevância internacional do sítio arqueológico de Conímbriga, reforçando o potencial de atração de visitantes e a consequente transformação de Condeixa-a-Velha.

As aquisições hoje formalizadas, no valor global de 230 mil euros, abrangem terrenos e imóveis que pertenciam a famílias originárias da zona, que desde a primeira hora demonstraram disponibilidade para a venda das suas propriedades tendo em conta o interesse cultural do projeto e a sua relevância para a região e para o país, sendo de destacar o papel fundamental desempenhado pelo anterior diretor do Museu, José Ruivo, para o sucesso desta iniciativa.

Vídeo de [Apresentação sobre a Aquisição de Terrenos em Conímbriga](#)

[Sobre o Museu Nacional de Conímbriga](#)

O Museu Nacional de Conímbriga, inaugurado em 1962 como Museu Monográfico de Conímbriga e elevado a Museu Nacional em 2017, integra as ruínas da cidade antiga de Conímbriga, combinando a área escavada, a reserva arqueológica e o espaço expositivo. A investigação arqueológica precedeu a criação do museu, tendo-se iniciado no século XIX e consolidado no século XX, especialmente após a classificação do sítio como Monumento Nacional em 1910. O museu tem a missão de preservar e divulgar o património, apresentando um acervo composto por materiais arqueológicos que ilustram a vida quotidiana, a arquitetura e a cultura da cidade, com destaque para os mosaicos preservados e a Casa dos Repuxos.

As ruínas de Conímbriga são conhecidas desde o século XVI, mas o seu estudo estruturado começou em 1873, com a criação de uma secção de Arqueologia pelo Instituto de Coimbra. As primeiras escavações de grande dimensão ocorreram em 1899, resultando no levantamento da planta do oppidum e na documentação dos mosaicos. A partir de 1929, escavações sistemáticas foram impulsionadas pelo XI Congresso Internacional de Antropologia e Pré-História, levando o Estado a adquirir terrenos em 1930. Durante as décadas de 1940 e 1950, realizaram-se importantes trabalhos de reconstituição e consolidação das ruínas, especialmente dos mosaicos, contribuindo para a valorização deste importante sítio arqueológico.